



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

SUELY LEANDRO MARTINS

**O GÊNERO TEXTUAL PARÓDIA: UM INSTRUMENTO DE ENSINO NA
PERSPECTIVA DA INTERTEXTUALIDADE**

**CAJAZEIRAS - PB
2025**

SUELY LEANDRO MARTINS

**O GÊNERO TEXTUAL PARÓDIA: UM INSTRUMENTO DE ENSINO NA
PERSPECTIVA DA INTERTEXTUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo
Barbosa

**CAJAZEIRAS - PB
2025**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

M386g	Martins, Suely Leandro. O gênero textual paródia: um instrumento de ensino na perspectiva da intertextualidade / Suely Leandro Martins. - Cajazeiras, 2025. 58f. : il. color. Bibliografia. Orientadora: Prof. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa. Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2025. 1. Gênero textual. 2. Conto de fadas. 3. Paródia. 4. Recurso pedagógico - paródia. 5. Caderno pedagógico. I. Barbosa, Maria Vanice Lacerda de Melo. II. Título.
UFCG/CFP/BS	CDU – 81'42

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço - CRB 15/046

SUELY LEANDRO MARTINS

**O GÊNERO TEXTUAL PARÓDIA: UM INSTRUMENTO DE ENSINO NA
PERSPECTIVA DA INTERGENERICIDADE**


Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras, da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em: 25 de abril de 2025.

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo – Orientadora
(UAL/CFP/UFCG)



Prof. Me. Erik Viana Carlos Rodrigues – Examinador 1
(Secretaria de Estado da Educação – PB)



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva – Examinador 2
(UAL/CFP/UFCG)

Ao meu pai, Cícero Batista, e à minha mãe, Maria das Dores, que sempre fizeram de tudo para que eu tivesse a oportunidade que eles não tiveram. São meu apoio e inspiração, fonte inesgotável de amor e cuidado que me trouxe até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso Pai, por me permitir prosseguir firme nesta trajetória, iluminando minha mente, desde o início sempre me guardou e me deu força com a sua destra fiel, permitindo enfrentar meus maiores desafios e dificuldades.

À minha mãe Maria das Dores Quaresma Martins Leandro, que sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis, apoiando-me e inspirando-me como profissional que ama a educação, me dando força, refúgio e fortaleza.

Ao meu pai Cícero Batista Leandro, homem de princípios, que sempre me protegeu e esteve lutando por mim, fonte de força, que, apesar de não ter tido a oportunidade de estudar, me permitiu ter todas as condições possíveis para isto, com paciência, me dando força e coragem.

À minha irmã Cynthia Leandro, que esteve ao meu lado em todos os momentos, me dando apoio, sempre me aconselhando e me transmitindo calma. À minha irmã Stella Leandro, que foi a configuração de um milagre em nossas vidas, me proporcionando esperança e fé.

Ao meu companheiro Ramon Dutra, que tem sido fundamental em todo este processo, pelo amor, apoio incondicional, carinho e compreensão, pelo tempo investido a acompanhar-me nos dias difíceis.

Aos meus Apóstolos e Líderes Espirituais, Jucicleudo Elias e Verônica Fernandes, que me permitiram a oportunidade de crescer profissionalmente, e foram guiados por Deus para me transmitir fortalecimento e fé.

À minha orientadora Profa. Dra. Vanice Lacerda de Melo Barbosa, pela paciência, colaboração e incentivo, por acreditar no meu trabalho, e pela excelente profissional que é.

Sou infinitamente grata a minha colega de curso, parceira e amiga, Wenia, por cada momento compartilhado, pelo companheirismo, uma conexão inexplicável. Obrigada por tudo! Sei que será uma exímia profissional, desejo felicidade e muitas bênçãos.

Aos meus colegas de curso, Paula, Breno, Juliana, Franciarlei, Hugo, Anderson e Arthur, pelo apoio e auxílio, fazendo com que cada momento do curso fosse mais agradável e proveitoso.

Em suma, sou grata a cada um que de maneira direta ou indireta contribuiu em minha trajetória acadêmica e para a elaboração deste trabalho.

RESUMO

O reconhecimento dos gêneros textuais torna-se fundamental como objeto de estudo no decorrer dos anos escolares bem como essencial no desenvolvimento da comunicação humana. Nesse viés, este estudo aborda as perspectivas do gênero paródia como ferramenta pedagógica para auxiliar o educador a promover atividades no contexto escolar, no intento de orientar os discentes a identificarem a estrutura linguístico-textual dos gêneros estudados e, conseqüentemente, desenvolver a leitura e a interpretação textual. Assim, esta pesquisa objetiva investigar o gênero paródia como recurso pedagógico para o ensino de gêneros textuais em sala de aula a partir da Sequência Didática. O gênero textual paródia, nesse contexto, desempenha a função de resgatar outros textos e estimular a criatividade, promovendo o desenvolvimento cognitivo e ampliando a capacidade de compreensão e interpretação textual do aluno. Como aporte teórico acerca dos gêneros textuais, trazemos os estudos de Marcuschi (2008); Bakhtin (2016); Dos Santos e Gusmão (2018); e Cavalcanti (2011); Coelho (2000). Para as abordagens sobre a Sequência Didática, a discussão foi norteadas pelas definições de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Além disso, outros postulados teóricos também ancoraram as nossas discussões. Trata-se de um estudo bibliográfico, envolvendo um levantamento de dados já existentes. A abordagem é do tipo qualitativa, pois foca na compreensão dos fenômenos relacionados ao desenvolvimento das temáticas por meio do gênero paródia como ferramenta em sala de aula. Como recurso educacional desta pesquisa, apresentamos como proposta uma Sequência Didática (SD) embasada no modelo desenvolvido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), enfatizando a paródia como ferramenta didático-pedagógica para o estudo do gênero narrativo conto de fadas.

Palavras-chave: Gênero Paródia. Conto de fadas. Gêneros textuais. Ensino.

ABSTRACT

The recognition of textual genres has become fundamental as an object of study throughout the school years, as well as essential for the development of human communication. In this context, this study addresses the perspectives of the parody genre as a pedagogical tool to support educators in implementing activities within the school environment, aiming to guide students in identifying the linguistic and textual structure of the genres studied and, consequently, to develop reading and textual interpretation skills. Thus, this research aims to investigate the parody genre as a pedagogical resource for teaching textual genres in the classroom through the use of a Didactic Sequence. In this context, the parody genre serves to retrieve and rework existing texts while stimulating creativity, promoting cognitive development, and enhancing students' capacity for textual understanding and interpretation. As theoretical support on textual genres, we draw on the studies of Marcuschi (2008), Bakhtin (2016), Dos Santos and Gusmão (2018), Cavalcanti (2011), and Coelho (2000). For the approach to the Didactic Sequence, the discussion is guided by the definitions provided by Dolz, Noverraz, and Schneuwly (2004). Furthermore, other theoretical frameworks also underpinned our reflections. This is a bibliographic study, involving the review and analysis of existing data. The approach is qualitative, as it focuses on understanding phenomena related to the development of the themes through the parody genre as a classroom tool. As an educational outcome of this research, we propose a Didactic Sequence (DS) based on the model developed by Dolz, Noverraz, and Schneuwly (2004), emphasizing parody as a didactic-pedagogical tool for the study of the narrative genre of fairy tales.

Keywords: Parody Genre. Fairy Tale. Textual Genres. Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A sequência didática.....	25
--------------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O GÊNERO TEXTUAL	12
3	CRITÉRIOS DE TEXTUALIDADE: CONCEITOS BÁSICOS.....	16
4	GÊNEROS NA SALA DE AULA	19
4.1	GÊNERO PARÓDIA	19
4.2	SOBRE O CONTO DE FADAS.....	21
5	SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	24
6	CADERNO PEDAGÓGICO.....	27
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32
	APÊNDICE	34

1 INTRODUÇÃO

O trabalho com gêneros textuais é essencial em todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil até o final da Educação Básica, ou seja, até a terceira série do Ensino Médio. Além de fundamental, esse processo é também desafiador, pois tem como objetivo a inserção do indivíduo na sociedade e o desenvolvimento das suas competências comunicativas. As semelhanças entre alguns gêneros textuais, como romance e novela, conto e crônica, notícia e reportagem, entre outros, podem, em alguns casos, dificultar tanto o ensino quanto a aprendizagem.

Desse modo, é fundamental que o professor utilize métodos que favoreçam a compreensão das características de cada gênero textual, levando em conta que o repertório do aluno nem sempre possibilita uma distinção de determinadas informações do texto, como a função comunicativa e o público-alvo. A presença de um gênero mediador, entre a temática e o estudo das características essenciais para criação do tipo textual de determinado gênero, pode ajudar o aluno a compreender melhor as diferenças entre os gêneros.

Nesse contexto, o gênero textual paródia desempenha a função de resgatar outros textos e estimular a criatividade, promovendo o desenvolvimento cognitivo e ampliando a capacidade de compreensão e interpretação textual do aluno. Isso ocorre porque possibilita a recriação de um texto sob uma nova perspectiva, seja humorística, sarcástica ou crítica. Dessa forma, os estudantes são desafiados a elaborar produções próprias, aplicando os conhecimentos adquiridos em sala, principalmente a função do gênero textual em sociedade.

Considerando o repertório do aluno, é perceptível que nem sempre o professor tem uma forma única de trabalho, e todas as práticas de ensino têm suas particularidades e vão depender da necessidade da turma com relação à compreensão e à criação textual. Em muitos casos, os livros didáticos não conseguem oferecer todo o suporte necessário para a realização desse trabalho, o que leva o professor a buscar outros recursos pedagógicos, como jogos, livros paradidáticos e canções. Um dos principais problemas identificados nesse contexto é a dificuldade que os alunos apresentam para distinguir e reconhecer os gêneros textuais. Diante disso, surge a seguinte questão: Como o gênero paródia pode facilitar a compreensão de diferentes gêneros textuais?

Diante da questão levantada, o objetivo principal desta pesquisa é investigar

o gênero paródia como recurso pedagógico para o ensino de gêneros textuais em sala de aula a partir da Sequência Didática. Para alcançar esse objetivo, o trabalho é estruturado em três propósitos específicos: i) compreender como o gênero textual atua na educação e na formação da sociedade; ii) analisar como o gênero paródia pode ser utilizado como recurso didático; iii) apresentar uma Sequência Didática sob a perspectiva de Dolz, Noverraz e Schneuwly.

Diante dessa ideia, partimos da hipótese de que o gênero paródia ressalta as características dos gêneros a serem trabalhados, estimula a criatividade e promove o debate sobre a temática abordada na atividade. Isso abre espaço para a introdução de um gênero textual a ser explorado, como o gênero textual conto de fadas, possibilitando a compreensão dos aspectos de criação. Dessa forma, o professor tem à sua disposição diversas possibilidades de reformulação das aulas, aproveitando a infinidade de gêneros que podem ser recriados e permitindo o trabalho de diferentes questões pedagógicas.

A referida pesquisa justifica-se devido às características presentes no gênero paródia, que explora de forma dinâmica diferentes temáticas. Isso faz dela um poderoso instrumento educacional que possibilita a aprendizagem através da dinamicidade e da criatividade, além de despertar o interesse dos alunos.

Este trabalho se baseia em estudos sobre gêneros, que se estabelece a partir das definições de Marcuschi (2008) e de Bakhtin (2016), com foco no desenvolvimento dos gêneros textuais e discursivos. Além disso, conta com o suporte dos estudos de Dos Santos e Gusmão (2018) e Cavalcanti (2011) que oferecem esclarecimentos sobre o gênero paródia e suas características relevantes para a pesquisa, e Coelho (2000), como aporte teórico nas discussões sobre o conto de fadas. No que tange à aplicação prática em sala de aula, a pesquisa propõe uma Sequência Didática fundamentada nas orientações de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Em relação à metodologia, esta é uma pesquisa bibliográfica, pois envolve um levantamento de dados já publicados. Nesse sentido, adota uma abordagem qualitativa, focada na compreensão dos fenômenos relacionados ao desenvolvimento das temáticas por meio da aplicação do gênero paródia em sala de aula. Além disso, pode ser classificada como uma pesquisa aplicada, uma vez que apresenta uma proposta de ensino baseada em uma Sequência Didática.

Com o intuito de organizar esta pesquisa de forma coerente, o trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro apresenta os aspectos introdutórios da investigação. O segundo traz uma visão geral sobre os gêneros textuais. O terceiro discute os critérios de textualidade. O quarto capítulo aborda o uso dos gêneros em sala de aula, com foco no gênero paródia e no gênero conto de fadas. O quinto capítulo trata da Sequência Didática e seus conceitos como produto da pesquisa. Por fim, são apresentadas as considerações finais. Como material complementar, há um apêndice com um caderno pedagógico que reúne orientações práticas e atividades voltadas ao trabalho com o gênero paródia como ferramenta no ensino do gênero conto de fadas.

2 O GÊNERO TEXTUAL

É compreensível que a comunicação entre indivíduos de uma mesma comunidade é proporcionada pela linguagem, seja nas modalidades verbal ou não verbal, e que a língua é um instrumento de ação na comunicação. Dessa maneira, é importante destacar o valor da língua. Estudiosos, como Mikhail Bakhtin (2016), afirmam ser a língua um aspecto vivo, pois apresenta constantes mudanças através do tempo, devido a modificações que surgem com o desenvolvimento da sociedade e com o surgimento de novos nichos, como as redes de comunicação, que possibilitam que o usuário busque seus interesses específicos.

É importante destacar que os estudos da língua tiveram várias etapas de análise, iniciando-se na Linguística Moderna que priorizava a língua falada. No início do século XX, foram divulgadas anotações sobre as aulas de Ferdinand de Saussure, ministradas em uma universidade de Genebra, na Suíça. Os registros continham análises estruturalistas e, em 1916, dois discípulos do linguista, Charles Bally e Albert Sechehaye, organizaram e publicaram, postumamente, a obra Curso de Linguística Geral.

Desse modo, partindo da publicação do curso de Saussure, os estudos da linguagem passaram a ser considerados ciência, pois até então não eram autônomos e tinham de passar por validação de outros estudos como filosofia, lógica e história. Assim, ao se estabelecer como ciência, a linguística passou a aprofundar suas pesquisas sobre a linguagem e as suas manifestações.

Para Saussure (1916), língua é um sistema de signos que se unificam no ato da comunicação onde não pode ser modificada, pois vai além do falante. Assim, é utilizada para cumprir um papel social entre uma comunidade de indivíduos. Dessa forma, o estudioso trabalha com três elementos de comunicação: Linguagem, Língua e Fala, que são o objeto de estudo da linguística.

Em meados do século XX, houve uma inovação nos estudos da linguística com o estudioso norte-americano Noam Chomsky (1957). Ele desenvolveu a teoria da gramática gerativa, um trabalho que idealizava o sistema cognitivo. Seus trabalhos eram centralizados no estudo da sintaxe, onde a mente humana era o objeto da teoria e tinha como intuito discutir sobre a capacidade do falante de formar e compreender frases.

Desse modo, adentramos no estudo mais precisamente dos gêneros que, por anos, foi identificado na perspectiva da literatura. Na Grécia Antiga, com os escritores Platão e Aristóteles, o gênero se configurava na forma poética, o que tipificou o gênero como obra da voz, mais precisamente primeira voz, segunda voz e terceira voz, que seriam, gênero lírico, épico e dramático, respectivamente.

Desde então, escolas linguísticas como o estruturalismo, o gerativismo, o materialismo e o funcionalismo têm buscado conceituar com maior precisão o sentido e a forma dos gêneros, considerando o aprimoramento da fala. Entre os estudiosos desse campo, destaca-se Marcuschi (2008), que inicia sua análise a partir do desenvolvimento da língua, da fala e da escrita, com o objetivo de compreender como os gêneros se perpetuam e atuam na sociedade, estando sujeitos aos falantes e aos seus atos comunicativos.

Na perspectiva de Marcuschi (2008), a língua tem atuação constante na sociedade e, para que essa ação ocorra, é necessário que seja constituída através do texto e não apenas em ligação frasal. Deve ser constituída através de um movimento significativo dos efeitos do meio onde se propaga, ou seja, uma conexão mútua entre texto e contexto. Pode-se perceber isso quando, com relação ao gênero textual, o autor afirma:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas sociais, institucionais e técnicas. (Marcuschi, 2008, p. 155)

Nesse contexto, é compreensível que, por mais que tenha surgido a partir de uma prática estanque da fala, o gênero é totalmente submetido à atuação contínua do diálogo, por se fazer presente em eventos diários. Nesse sentido, Marcuschi (2008) ainda afirma que os gêneros são formas textuais escritas ou orais que possuem instabilidade seja histórica ou social, pois são regidos pela interação.

Embora o termo gênero seja oriundo dos gêneros literários, Marcuschi (2008, p.147) defende que eles representam uma “forma de ação social”. O autor reforça essa ideia ao afirmar que “[...] eles são um ‘artefato cultural’ importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade”. Dessa forma, onde houver comunicação, haverá a atuação de um gênero.

Ainda sobre o gênero e seu papel na comunicação, Mikhail Bakhtin (2016), em seu livro “Estética da criação verbal”, aborda que a linguagem se manifesta a partir de dois domínios: atividade humana e uso da língua na forma enunciativa. Posto isso, a interação com o gênero se torna indispensável no que tange a sua finalidade no discurso, seja na oralidade bem como na escrita, pois os textos se materializam nas práticas sociais.

Seguindo essa vertente, para Bakhtin (2016), todo e qualquer discurso é construído a partir de outro discurso já existente. É compreensível que nada que se fala é original, pois é constituído através de um entrecruzamento de discursos, configurando, assim, uma cadeia de discursos:

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes — dos seus e alheios — com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (Bakhtin, 2016, p. 26)

Nesse sentido, todo conhecimento é construído a partir de discursos já proferidos anteriormente. O vínculo entre esses discursos torna o sujeito falante também um respondente, pois ele não é o precursor daquele posicionamento, mas sim, parte de uma continuidade comunicativa que se inicia com a quebra do silêncio. Assim, o falante precisou exercer papel de ouvinte, sendo considerado respondente do discurso anterior, pois, em algum momento, tomou conhecimento do assunto pela primeira vez.

Nesse contexto, ao gênero pode ser atribuído o caráter discursivo, pois exerce o papel de mediador em diversas situações comunicativas, de forma a introduzir o sujeito no contexto social. Nesse panorama, o gênero discursivo pode ser definido em decorrência de sua finalidade enunciativa. Segundo Bakhtin (2003), o gênero apresenta duas vertentes: o gênero primário, que surge de forma espontânea na comunicação cotidiana, e o gênero secundário, que se caracteriza por uma elaboração mais prévia e sofisticada.

Dessa forma, a variedade de gêneros primários, originados do cotidiano de maneira espontânea, evidencia a eficácia do gênero em todas as esferas da comunicação e sua manifestação natural na sociedade. Por outro lado, os gêneros

secundários, embora exijam uma elaboração mais complexa, também apresentam a flexibilidade da dimensão discursiva que pode se desenvolver em diversos contextos de interação comunicativa.

Sabe-se que o discurso não existe fora do enunciado sem que seja proferido pelo sujeito. Segundo Bakhtin (2016, p. 26),

“[...] o discurso só pode existir, de fato, na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”.

Sendo assim, isto ocorre porque o enunciado ganha forma ao ser vinculado ao sujeito que o apresenta. É uma maneira de inscrever-se no discurso por meio deste, pois assume um lugar de posição, ao escolher as palavras que irão compor o discurso e a forma como será regida a informação.

De acordo com o que é estudado por Bakhtin (2016, p. 38), os discursos são moldados para que assim sejam inseridos nas exigências dos gêneros escolhidos para a comunicação, uma vez que “[...] a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gênero”. Significa que o gênero demanda a adaptação do enunciado com base no propósito de comunicação do falante.

Ademais, considerando a subjetividade do sujeito, Marcuschi (2008) postula que “em suma, pode-se dizer que o sujeito não é nem assujeitado nem totalmente individual e consciente, mas produto de uma clivagem da relação entre linguagem e história.” Portanto, compreende-se que o indivíduo possui uma consciência parcial de suas ações e, ainda assim, é influenciado pelo ambiente e por sua bagagem histórica.

Portanto, o gênero desempenha um papel fundamental na comunicação, pois adapta o diálogo dentro de uma comunidade de indivíduos, funcionando como um mediador das informações transmitidas a um determinado grupo social. Além disso, pode assumir novas funções, à medida que a comunicação evolui, estimulando o falante a utilizar seus conhecimentos prévios, históricos e culturais para interagir na sociedade.

3 CRITÉRIOS DE TEXTUALIDADE: CONCEITOS BÁSICOS

O gênero discursivo, segundo os estudos de Bakhtin (2016), atua como mediador entre o texto e o discurso, já que este se configura como uma unidade produtora de sentido, orientada por propósitos e intencionalidades discursivas. Para que as relações sintagmáticas na comunicação sejam preservadas, é imprescindível considerar a textualidade e seus critérios. Esses elementos são fundamentais para que um conjunto de enunciados seja reconhecido como texto. Caso contrário, comprometer-se-ia a construção de sentido, afetando os princípios sociointeracionais destacados por Marcuschi (2008).

Dessa forma, a textualidade abrange critérios semânticos como a coesão e a coerência, e pragmáticos como a intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Esses critérios são responsáveis por garantir a fluidez e a lógica sequencial de um texto, permitindo que ele seja compreendido como uma unidade de sentido, pois, como Marcuschi (2008, p.57) afirma, “o falante da língua deve fazer-se entender e não explicar o que está fazendo com a língua”.

Marcuschi (2008, p. 91) aponta, ainda, que “a textualidade não depende, de um modo geral, da correção sintático-ortográfica da língua e sim da sua condição de processabilidade cognitiva e discursiva.” Sendo assim, a textualidade trata do evento comunicativo em sua forma completa, desde as informações que serão passadas até o momento em que será captada pelo ouvinte e processada na situação designada.

No que tange aos fatores semânticos, de acordo com Marcuschi (2008, p. 99), a **coesão** refere-se à organização adequada dos elementos na superfície textual, por meio do uso de recursos como artigos, pronomes, elipses, entre outros, que garantem a ligação entre as partes do texto, fazendo, assim, referência ao corpo do texto em seu sentido completo. A **coerência**, por sua vez, diz respeito à lógica interna do texto, garantindo que as ideias se articulem de forma clara e façam sentido conjunto, permitindo a compreensão por parte do leitor. Marcuschi (2008, p. 119) ainda aponta que “a coerência subsume os procedimentos pelos quais os elementos do conhecimento são ativados, tais como a conexão conceitual. A coerência representa a análise do esforço para a continuidade da experiência humana”. Isso indica que a coerência vai além da superfície do texto, pois está ligada diretamente ao sentido que se cria em relação aos conceitos presentes no texto.

Referentemente aos fatores pragmáticos, a **intencionalidade**, segundo Marcuschi (2008, p. 126), é um critério que está “centrado basicamente no produtor do texto, considera a intenção do autor como fator relevante para a textualização.” Neste contexto, refere-se ao propósito do emissor no ato comunicativo, seja ele falante ou escritor. Trata-se da intenção por trás da enunciação, ou seja, aquilo que o sujeito deseja transmitir, assim como os recursos e as estratégias utilizadas para alcançar e impactar seu público.

Sobre a **aceitabilidade**, Marcuschi (2008, 128) aponta que esta “[...] diz respeito à atitude do receptor do texto (é um critério centrado no alocutário), que recebe o texto como uma configuração aceitável, tendo-o como coerente e coeso, ou seja, interpretável e significativo”. Percebe-se, então, que a aceitabilidade difere da intencionalidade por aquela voltar-se para o receptor ou leitor do texto, pois tem foco nas expectativas do interlocutor, levando em conta aspectos como a compreensão do conteúdo, seu interesse pelo tema e a relevância da mensagem no contexto em que é apresentada.

A **informatividade** considera tanto os conhecimentos prévios do leitor quanto a introdução de novas informações. Nessa ótica, Marcuschi (2008, p. 132) argumenta que “a informatividade diz respeito ao grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido.” Por assim dizer, entende-se que um texto composto apenas por conteúdos já conhecidos não promove novidade nem avanço na compreensão, o que pode limitar a profundidade da leitura e o interesse do leitor.

A **situacionalidade** diz respeito ao método de adequar o uso da língua a determinado evento textual. Para Marcuschi (2008, 128) “[...] não só serve para interpretar e relacionar o texto ao seu contexto interpretativo, mas também para orientar a própria produção.” Sendo assim, é o critério que garante que o texto seja funcional e apropriado dentro da situação comunicativa, o que faz com que tenha relevância e coerência no contexto em que se desenvolve o ato que é produzido e interpretado, facilitando com que o sujeito falante produza seu texto de forma eficaz.

Por último, a **intertextualidade** refere-se aos fragmentos textuais presentes em outros textos, ou seja, os vínculos entre textos por meio de citações diretas ou indiretas. A esse respeito, Marcuschi (2008) discorre que:

Pode-se dizer que a Intertextualidade é uma 'propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos' (DICIONÁRIO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2004, p. 288, **apud** MARCUSCHI, 2008, p. 130)

Adotando esse ponto de vista, constata-se que a intertextualidade trabalha com a ligação entre argumentos de textos diferentes, onde se podem relacionar ideias e pensamentos que apresentam a mesma linha de raciocínio, com o intuito de justificar um pensamento comum, ou de proferir um discurso já conhecido, sobre determinada pauta.

4 GÊNEROS NA SALA DE AULA

Neste capítulo, destinado ao contexto educacional, reconhecemos que o docente tem uma função fundamental ao utilizar os gêneros como ferramentas para a comunicação, de forma que explorar diferentes esferas discursivas permite que os alunos compreendam além do conteúdo. Também é importante que aprendam como o conhecimento se insere em situações reais de comunicação, o que amplia a capacidade dos estudantes de interagir de maneira significativa em diversos contextos sociais, incluindo o meio acadêmico. Para tanto, apresentamos dois gêneros de relevância em sala de aula: a paródia e o conto de fadas. A fim de discutirmos sobre o gênero paródia, usamos como aporte teórico os estudos de Dos Santos e Gusmão (2018) e Cavalcante (2011). Por fim, no relato sobre o gênero narrativo conto de fadas, buscamos fundamentação em Coelho (2000).

4.1 GÊNERO PARÓDIA

A palavra paródia, segundo Santos e Gusmão (2018), refere-se à fragmentação de dois termos que a compõe: o elemento “*para*”, que se caracteriza por sentido opositor ou pode significar “estar ao lado”, como em aproximação, bem como distanciamento, e o termo “*odia*” que se refere à ode. Posto isso, a palavra em seu sentido completo está relacionada à música, possivelmente uma canção derivada, ao lado de uma canção primária.

A paródia também é conhecida como uma produção de finalidade cômica, uma composição literária em que faz uso de ironia, sendo que, geralmente, suas criações têm fragmentos preservados da composição original. No entanto, em sua maioria, atribui sentidos diferentes, de acordo com a finalidade para onde foi direcionada (Cavalcanti, 2011, p.29 apud Santos; Gusmão, 2018). Na literatura, a paródia tem a característica da intertextualidade, pois faz uso de textos que interagem com outros textos, com a finalidade de desconstrução e reconstrução textual.

Para Cavalcanti (2011, p. 29), “o gênero paródia é uma maneira de retornar a outros textos, onde há um rompimento com as ideologias incutidas e por isso é objeto de interesse para os pesquisadores da língua e das artes”. Sendo assim, esse artefato linguístico tem a finalidade de dialogar de forma oposta com o texto primário, atribuindo novas informações. Por essa razão, a composição original não perde sua

relevância; ao contrário, ela é fundamental para que se reconheça o propósito comunicativo do sujeito-parodista. A paródia, nesse contexto, exerce um papel renovador, e não destrutivo, pois, embora a produção secundária introduza novos elementos e reformule o discurso, ela ainda depende da obra-base para que seu sentido e sua intencionalidade sejam plenamente compreendidos. E para que seja plenamente compreendido irá depender dos conhecimentos prévios do interlocutor.

Salienta-se, ainda, que o gênero paródia também carrega um caráter humorístico, incorporando elementos do riso, da sátira e do lúdico. Sua construção pode incluir traços cômicos e irônicos, em maior ou menor grau, variando entre uma crítica direta e um simples jogo de palavras, tudo isso dependendo da intenção e do estilo adotado pelo autor-parodista.

Pelo retrospecto feito, podemos entrever que a paródia, quando utilizada como recurso didático em sala de aula, oferece diversos benefícios ao processo educativo, como o estímulo à produção criativa, à leitura e à interpretação. O trabalho irônico presente na composição paródica é realizado por meio da linguagem, explorando os múltiplos sentidos das palavras. Seu uso contribui, significativamente, para o desenvolvimento do pensamento crítico, facilita a memorização e enriquece o vocabulário. Isso porque, ao criar uma paródia, o aluno precisa substituir palavras de forma coerente, mantendo a estrutura do texto original e, ao mesmo tempo, incorporando sua própria visão e interpretação.

Ademais, o gênero pode ser relacionado a elementos que são marcas do cotidiano dos próprios estudantes, como músicas populares, anúncios, entrevistas, propagandas e obras de arte, tornando o aprendizado mais dinâmico e envolvente. Essa conexão com a realidade dos estudantes desperta o interesse e favorece a assimilação dos conteúdos de forma lúdica e significativa.

Sendo assim, quando inseridas nas práticas de aprendizagem, a paródia exerce uma grande importância, pois abarca diversos gêneros artísticos e meios de comunicação. Apesar de originalmente aparecer em forma de música, sua criação não se restringe a isso, e está presente em variadas manifestações culturais. Também é utilizada para fins educativos, o que é simplesmente uma técnica eficaz, pois prende a atenção e desenvolve o conhecimento, aprimorando a capacidade dos indivíduos.

A paródia exerce o papel de mediador entre dois posicionamentos textuais, permitindo que o aluno relacione o assunto estudado às suas vivências, estabelecendo trabalho com a fixação dos pontos presente na discussão do conteúdo.

De forma dinâmica, é possível que o aluno compreenda as características dos gêneros textuais que serão discutidos em sala. No desenvolvimento das atividades voltadas para o uso da paródia, permite-se que o aluno trabalhe sua criatividade no decorrer das produções textuais que serão propostas pelo professor, exercendo o senso crítico, possibilitando desenvolver o potencial de escrita também no que tange à modificação que ele deverá fazer no texto original.

4.2 SOBRE O CONTO DE FADAS

Segundo Coelho (2000), o gênero conto de fadas tem origem na tradição oral e pode apresentar ou não a presença de fadas em suas narrativas. Essas histórias costumam se desenrolar em um tempo e espaço indefinidos, tendo como protagonistas um herói ou uma heroína que enfrenta diversos obstáculos ao longo da trama. Para superar tais desafios, o personagem principal embarca em uma jornada de aprendizado e de transformação, na qual elementos mágicos desempenham um papel fundamental na resolução dos conflitos.

Embora os gêneros conto maravilhoso, conto de fadas e conto exemplar sejam frequentemente tratados como sinônimos, Coelho (2000) destaca distinções importantes entre eles, especialmente no que diz respeito à problemática central abordada em cada um. O **conto maravilhoso**, por exemplo, possui raízes orientais em sua narrativa. Suas histórias estão geralmente ligadas a questões de ordem socioeconômica, como pode ser observado em obras como Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, O Gato de Botas e Ali Babá e os Quarenta Ladrões.

O **conto de fadas**, de origem céltica, pode ou não apresentar fadas em sua narrativa, mas sempre incorpora o elemento do "maravilhoso" e a magia feérica. Seu enredo é movido por questões de ordem espiritual, ética ou existencial, geralmente relacionadas à autorrealização do protagonista seja por meio do autoconhecimento ou da união amorosa entre os personagens principais. Exemplos clássicos desse gênero incluem Cinderela, Rapunzel, Branca de Neve e os Sete Anões e A Bela e a Fera. Por sua vez, os **contos exemplares** combinam temáticas sociais e existenciais, servindo como modelos de conduta ou reflexão moral. Entre os principais representantes dessa categoria estão Chapeuzinho Vermelho, O Pequeno Polegar e João e Maria.

Quanto ao termo "fada", sua origem etimológica remonta ao latim *fatum*, que significa destino, fatalidade ou oráculo. De acordo com Coelho (2000), as fadas passaram a ser representadas como seres fantásticos de grande beleza, geralmente com aparência feminina e dotadas de poderes sobrenaturais. Esses seres mágicos podem intervir na vida humana, oferecendo ajuda em momentos difíceis, mas também podem agir de forma vingativa. Um exemplo disso é o conto A Bela Adormecida, no qual a maldição lançada sobre a princesa serve como punição aos pais. Nessas situações, a figura da fada se aproxima da imagem das bruxas ou feiticeiras, assumindo um papel mais sombrio dentro da narrativa.

O desenvolvimento dos contos geralmente segue uma estrutura narrativa recorrente. A história costuma começar com uma situação cotidiana marcada por um problema central. A partir daí, o protagonista enfrenta uma série de dificuldades crescentes até atingir o clímax da trama. Nesse momento, surge a figura de um ser mágico, como uma fada, um anão, uma bruxa, um duende ou um gigante, que intervém para ajudá-lo. Com esse auxílio, o personagem encontra forças para superar os obstáculos e, ao final, retorna à normalidade, alcançando seu objetivo.

A intertextualidade é um traço marcante nessas narrativas, uma vez que elas estabelecem diálogos com diversos temas sociais ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que mantêm sua função de entreter o leitor. Apesar de seu caráter fantasioso, muitos contos de fadas incorporam reflexões sobre questões sociais relevantes, atuando também como formas sutis de discurso crítico.

Ressalte-se que a paródia se mostra um recurso valioso para ressignificar narrativas a partir de uma perspectiva contemporânea, utilizando o humor como ferramenta para provocar reflexões sociais. Um exemplo de produção feita usando como ferramenta o gênero paródia seria a adaptação do conto Cinderela para um contexto atual, retratando a protagonista como uma jovem moradora de uma comunidade periférica de uma grande cidade. Tal como na versão original, sua problemática estaria ligada à sua condição social e à negligência da tutora. No entanto, na paródia, o enredo poderia enfatizar as dificuldades enfrentadas pela personagem para sustentar o lar, aproximando a narrativa das realidades sociais do presente.

Ao preservar a essência da narrativa de Cinderela, essa releitura contemporânea possibilita aos alunos refletirem sobre questões sociais atuais, estabelecendo uma ponte entre o universo dos contos de fadas e a realidade em que

vivem. Além disso, elementos típicos desse tipo de história, como a superação de adversidades e o crescimento pessoal da protagonista, seriam mantidos, favorecendo uma leitura crítica, significativa e envolvente.

5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A prática docente exige cuidado na elaboração das atividades que devem ser aplicadas de maneira estruturada. Nesse contexto, a Sequência Didática se apresenta como uma estratégia educacional que organiza as etapas de ensino, facilitando a aprendizagem dos alunos. Por meio de um planejamento bem definido, as atividades são distribuídas ao longo de um período, de forma interligada, permitindo que uma atividade complemente a outra e potencialize a assimilação do conteúdo.

Desse modo, a Sequência Didática (Doravante SD) tem como função a organização de exercícios possíveis a serem inseridos em sala de aula, com a finalidade de desenvolver a aprendizagem dos alunos sobre o assunto a ser trabalhado. Sendo assim, a função da SD, de acordo com Zabala (1998, p. 54), é

[...] introduzir nas diferentes formas de intervenção aquelas atividades que possibilitem uma melhora de nossa atuação nas aulas, como resultado de um conhecimento mais profundo das variáveis que intervêm e do papel que cada uma delas tem no processo de aprendizagem dos meninos e meninas.

Posto isso, o planejamento no processo de ensino-aprendizagem é de suma importância para o enriquecimento profissional e o desenvolvimento dos estudos dos alunos, sendo que cada etapa de ensino é delimitada por uma série de atividades que auxiliam na apreensão das informações e assimilação do conteúdo.

Oliveira (2013, p. 36) esclarece que a SD “[...] prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma mais integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino/aprendizagem”. Nesse sentido, o planejamento e a mediação do professor em sala de aula, a fim de organizar de maneira a subdividir partes do conteúdo que irão formar nos alunos uma opinião completa sobre determinada temática, é de suma importância.

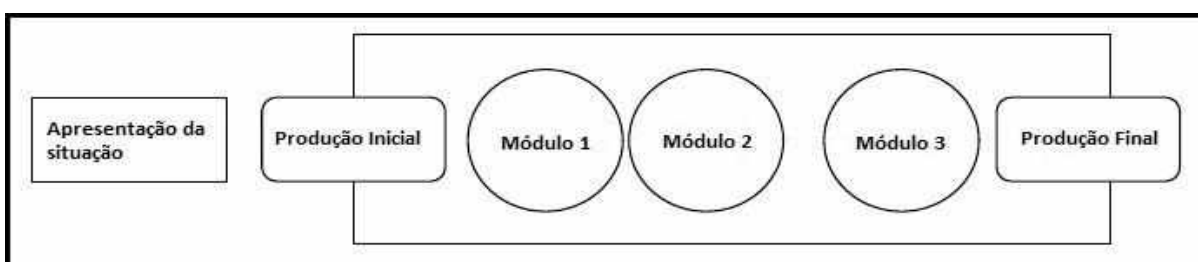
Sendo assim, ao organizar as etapas do ensino, os educadores adquirem formas de alinhar objetivos, metodologias e avaliações de maneira clara e precisa, pois garante que as atividades escolares se interliguem e não sejam lançadas de maneira fragmentada, contribuindo para um estudo mais contextualizado. Isso faz com que os alunos compreendam variados conteúdos e assuntos que serão aplicados de forma gradativa, buscando a construção do conhecimento.

Segundo os autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 96), um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito é denominado *Sequência Didática*". Ou seja, esse conjunto de atividades nada mais é do que uma ferramenta de auxílio ao docente com a finalidade de fazer com que as aulas sejam mais planejadas, e que os planos da oralidade e da escrita sejam representados de forma sistemática.

Nesse intuito, as atividades escolares sendo planejadas, e elaboradas com finalidade da exposição dos manifestos orais e escritos, têm como estímulo o trabalho com as práticas sociais e interacionais nos meios de comunicação diversos, preparando o indivíduo para as situações de mundo, pois, a partir desse trabalho, apresentam-se aos discentes as devidas ferramentas e técnicas de comunicabilidade.

A estrutura de uma SD é representada na **figura 1**:

Figura 1: A Sequência Didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98)

Entende-se, assim, que a SD deve ser esquematizada na seguinte ordem: inicialmente, ocorre a **apresentação da situação**, onde de uma forma abrangente se aborda o conteúdo a ser proposto; em seguida, tem-se a **produção inicial**, que será a forma com que o aluno irá realizar sua produção com base no seu conhecimento prévio da temática, sendo essa uma avaliação diagnóstica para, assim, promover exercícios relacionados as dificuldades e nos acertos identificados por meio da primeira atividade.

Posto isso, os **módulos** são definidos como a fase de aplicação de uma grade de atividades voltadas para a construção do conhecimento do aluno sobre a temática das aulas. A quantidade de aulas destinadas a essa finalidade vai depender do diagnóstico feito pelo professor, sobre o desenvolvimento individual dos alunos, identificando a apreensão do conteúdo ao longo da jornada de exercícios em sala.

Como conclusão, tem-se a **produção final** que será produzida pelos alunos, com base no que foi trabalhado no decorrer dos módulos. A partir desse momento, o professor poderá atribuir uma pontuação final, tendo em vista o progresso apresentado, o que demonstrará a eficácia de suas práticas docentes educacionais, e deverá ser o ponto chave do processo de ensino e aprendizagem.

6 CADERNO PEDAGÓGICO

A priori, para que sejam detalhados os passos desta proposta, faz-se necessário que se discorra sobre o percurso de criação do Caderno Pedagógico, que é a proposta de intervenção deste estudo.

Até que venha a ser aplicada em sala de aula, a Sequência Didática exige do professor uma visão geral do processo de aplicação, desde a finalidade de cada exercício nela proposta, bem como a divisão necessária das etapas, para que o processo seja a formação do conhecimento do aluno acerca dos mais diversos gêneros textuais. É necessário observar que cada etapa desenvolvida exerce importante papel na construção do saber.

Nesse sentido, a Sequência Didática, base deste Caderno Pedagógico, foi estruturada com rigor em suas etapas de aplicação, desenvolvendo uma linha de raciocínio com o respectivo tempo necessário para cada atividade nela proposta, visando favorecer tanto o trabalho do professor como mediador na aplicação do gênero em sala de aula, quanto o estudo do aluno como receptor direto das informações nele presentes.

Em primeiro momento, a sequência desenvolvida teve como norte os estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), fragmentada em quatro eventos de aplicação: a apresentação da situação (faz com que o educador fique a par dos conhecimentos prévios do aluno sobre a temática); a produção inicial (os alunos realizam a primeira produção acerca da temática que ainda será desenvolvida); os módulos (são etapas de construção de conhecimento, onde as atividades avaliativas e formativas serão desenvolvidas); e a produção final (a atividade, que mostra o resultado de todo o trabalho exercido).

O desenvolvimento desse caderno pedagógico surgiu da necessidade de aprofundamento no estudo dos gêneros textuais em sala de aula, e em como o gênero paródia se mostra eficiente na aplicação e desenvolvimento da escrita criativa, da criticidade e trabalho com competências comunicativas. Além disso, orienta para a identificação de elementos textuais do gênero em estudo. Os exercícios propostos são designados para serem aplicados em 10 aulas, em uma turma de 7º ano do ensino fundamental.

No decorrer do material, buscamos criar familiaridade da turma com relação ao gênero narrativo, estabelecendo espaço de interação, desenvolvimento de atividades que possam fazer com que os alunos participem da conversação sobre a temática.

São, ainda, sugeridas perguntas que promovam discussões e remetam à aplicação do gênero paródia como ferramenta educacional. A ordem destes fatores foi estabelecida visando fornecer um grau de conhecimento sobre o uso de ambos os gêneros separadamente, para que, então, se estabeleça uma relação concomitante de uso.

A primeira grade de atividades traz elementos do gênero narrativo conto de fadas, que trabalha a interpretação textual do aluno, e situa sobre a temática e contextos de uso dos elementos textuais, bem como dos elementos imagéticos que ornamentam a sala e fazem com que os alunos compreendam sobre a temática de forma aprofundada. Das inúmeras temáticas que podem ser estabelecidas com relação ao trabalho do gênero narrativo conto de fadas, foi escolhida a temática da desmistificação do papel da mulher. Para isso, é realizada uma discussão sobre essa abordagem, desenvolvendo o senso crítico dos alunos sobre as narrativas e seus personagens.

Adiante, é realizada a comparação de características de duas narrativas que, apesar de pertencerem ao mesmo gênero, possuem elementos distintos em suas composições, uma vez que foram escritas em épocas diferentes. Tal análise trabalha a interpretação textual e uma visão específica sobre determinados pontos que podem ou não compor uma narrativa de conto de fadas.

A explicação do professor sobre a função social e as características do gênero paródia, além de mostrar como o gênero atua em diferentes eventos de comunicação, faz com que os alunos compreendam o papel da paródia como criação individual de caráter crítico, o que pode promover o interesse pela criação de um texto. É sugerido o sorteio dos gêneros para a atividade, para que as produções dos alunos circulem por diferentes esferas, sem que tenham produções iguais.

Na abordagem proposta no caderno, foi estabelecido um percurso metodológico, com o intuito de que os alunos cheguem à produção final, compreendendo uma gama de efeitos de sentido e elementos textuais, onde eles usarão suas próprias criações, estabelecendo finalidades e desenvolvimento de conhecimentos.

O conjunto de atividades desenvolvidas tem sua forma de aplicação detalhada e descrita com seus possíveis materiais de uso, de forma que são contextos diferentes e realidades distintas de ensino. Então, suas aplicações podem variar de acordo com as necessidades da sala. No entanto, no próprio caderno, há sugestões de elementos propostos nas atividades.

Desse modo, no apêndice, apresentamos o caderno pedagógico em forma de E-book de nomenclatura *Sequência didática em sala de aula: do gênero narrativo conto de fadas ao gênero paródia*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino dos gêneros textuais em sala de aula tem se tornado um desafio mais recorrente para os professores de Língua Portuguesa, no que tange à falta de materiais que discorram sobre os gêneros de forma aprofundada, além das dificuldades que os alunos apresentam na distinção e conhecimento dos gêneros textuais. Mediante esta problemática, é essencial que as instituições de ensino desenvolvam métodos eficientes e inovadores para os alunos, estabelecendo estratégias didático-pedagógicas que favoreçam a acessibilidade a múltiplos gêneros textuais que são de suma importância ao longo de toda a vida acadêmica.

É fundamental que o educador utilize de métodos que auxiliem na compreensão e distinção dos gêneros, haja vista que o aluno, na maioria das vezes, carece de entendimento e assimilação de determinados elementos textuais, pois, em suma, os alunos, comumente, não identificam informações básicas explícitas nos textos estudados. Esta dificuldade pode ser trabalhada pelo professor com a aplicação de atividades que envolvam o aluno com a temática, e desenvolvam um senso crítico.

Desse modo, tendo em vista a abordagem dos aspectos teóricos que fundamentaram esta pesquisa, destaca-se que o gênero textual paródia torna-se uma ferramenta de auxílio ao professor com papel fundamental de formação e construção de conhecimento no estudo dos gêneros textuais diversos. Para tanto, faz-se necessário envolver o estudante na temática a ser trabalhada, fazendo com que ele compreenda a função da criação original do gênero proposto, para que, então, possa realizar sua própria produção textual.

Para este fim, a referida pesquisa teve como intuito promover uma proposta de uma aplicação de Sequência Didática, apresentada em formato de e-book, com o objetivo de compreender o gênero paródia como ferramenta no estudo das características do gênero narrativo conto de fadas. Para tanto, foi analisado, a partir de conceitos e princípios textuais, como o gênero se desenvolve em contexto social e educacional.

Evidenciou-se o papel fundamental da paródia como ferramenta pedagógica na compreensão do gênero narrativo. Destacou-se a recriação do texto como objeto de apreensão do conhecimento, no desenvolvimento da leitura e da escrita. Assim, a presença de um gênero mediador entre a temática e o estudo das características

necessárias pode auxiliar o aluno na compreensão das diferenças entre gêneros distintos.

Como recurso educacional desta pesquisa, apresentamos como proposta uma Sequência Didática (SD) embasada no modelo desenvolvido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), enfatizando a paródia como ferramenta didático-pedagógica para o estudo do gênero narrativo conto de fadas, em turma de 7º ano do ensino fundamental. Além de uma proposta de ensino do gênero narrativo, este trabalho destina-se a apresentar uma ferramenta que parece eficiente para o desenvolvimento educacional. Sendo de amplo acesso aos demais níveis de ensino, os gêneros textuais são desenvolvidos em todas as séries ao longo da formação.

Portanto, estimamos que este material pode ser de grande valia na contribuição do ensino de Língua Portuguesa em diferentes níveis escolares, que auxilie o educador na mediação de suas atividades docentes na formação de indivíduos.

Ademais, esperamos que o estudo desenvolvido nesta pesquisa possa estimular docentes, estudantes de Letras, pesquisadores da língua e demais apreciadores da arte da linguagem a desenvolverem, em suas práticas de ensino, momentos que promovam a aprendizagem de forma edificante, descontraída e mais leve, priorizando sempre o conhecimento do aluno. Ainda cabe salientar que estes estudos não se limitam a estas conclusões aqui pautadas, mas abrem um leque de novas possibilidades de pesquisas e inferências, proporcionando debates sobre esta mesma temática.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ncg_pKyYAMJ:https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26929/18609&cd=17&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 03 jan. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016
- CAVALCANTI, Valdir de Sousa. **Composição de paródias**: um recurso didático para compreensão sobre conceitos de circunferência. 2011. 165f. Dissertação (Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna literatura, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- DOS SANTOS, Jucenilton Alves; GUSMÃO, Maria Aparecida Pacheco. A paródia como gênero textual em um olhar discursivo bakhtiniano: uma relação de intertextualidade. **Revista Linguagens & Letramentos**, v. 3, n. 1, p. 32-45, 2018. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/5luba7bvrfctrhup7zc5bvknppq/access/wayback/https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/download/1015/pdf>. Acesso em: 03 mar. 2025.
- DOLZ, Joaquim.; NOVERRAZ, Michele.; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: Schneuwly, Bernard; Dolz, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**, trad. Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARQUESI, Sueli Cristina. Escrita e reescrita de textos no ensino médio. **Ensino de língua portuguesa**: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, p. 135-143, 2011.
- MAZZI, Maria Gloria Cusumano. Intertextualidade e paródia. **Revista Araticum**, v. 3, n. 1, p. 23-41, 2011. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/download/1000/1041>. Acesso em: 21 jan. 2025.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2013.

SIMÕES, Alan Caldas. O gênero paródia em sala de aula. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 27, p. 161-178, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1382>. Acesso em: 03. fev. 2025.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução: Ernani Francisco da Fonseca Rosa. Reimpressão 2010. Porto Alegre, 1998.

APÊNDICE



SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM SALA DE AULA: DO GÊNERO NARRATIVO CONTO DE FADAS AO GÊNERO PARÓDIA

Suely Leandro Martins
Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa

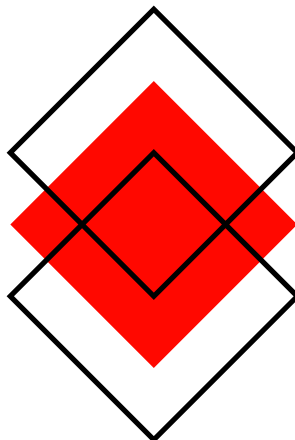
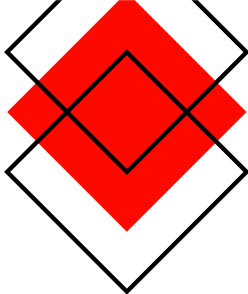
2025

Apresentação



O exercício de gêneros textuais em sala de aula é fundamental para o desenvolvimento dos alunos com relação à leitura, à escrita e à interpretação, permitindo-lhes compreender diferentes formas de produção textual. No entanto, alguns alunos apresentam dificuldades em identificar e estruturar os elementos básicos de muitos gêneros, como função, ideia central e/ou público-alvo. A elaboração de novas atividades permite que os alunos trabalhem com gêneros textuais já conhecidos, facilitando a assimilação dos aspectos estruturais dos gêneros que ainda não conhecem. Dessa forma, a paródia se destaca como recurso didático para auxiliar no ensino, pois permite a releitura de textos já conhecidos, utilizando o humor, a ironia e a subversão para ressignificá-los.

Ressalte-se que a Sequência Didática com o uso simultâneo do gênero paródia no ensino do gênero narrativo conto de fadas, objetiva fornecer ao professor uma estratégia pedagógica que possibilite aprimorar a leitura, a interpretação e a produção textual dos alunos. Este recurso apresentado, neste material, serve como auxílio ao planejamento e à aplicação de atividades que tornam o aprendizado mais dinâmico e significativo em turmas de 7º ano do ensino fundamental.



OBJETIVOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

OBJETIVO GERAL: Compreender as características do gênero narrativo conto de fadas, adotando-se o gênero paródia como ferramenta pedagógica.



OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- **Conhecer o gênero narrativo contos de fadas;**
- **Apreender a estrutura linguístico-textual da paródia;**
- **Realizar produções criativas, a partir do conhecimento dos gêneros contos de fadas e paródia;**
- **Desenvolver a habilidade de escrita e da oralidade.**

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO



DURAÇÃO: 2 horas-aulas (90 minutos)

O modelo de Sequência Didática (doravante SD) proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) organiza o processo de construção do conhecimento, ao longo das aulas. Inicialmente, ocorre a denominada "Apresentação da Situação".

- A sala será ornamentada com diversas figuras de contos de fadas. Em uma metade, estarão expostos elementos dos contos contemporâneos, enquanto na outra, elementos dos contos clássicos. Esses itens serão dispostos em dois grandes murais, que, em um primeiro momento, servirão para despertar o reconhecimento dos alunos em relação aos personagens, bem como apresentar aqueles personagens que os discentes ainda não tiveram a oportunidade de conhecer.
- É aconselhável que essa discussão, em primeiro momento, aconteça com a organização da sala em círculo, para que a comunicação se estabeleça de forma mais familiar e agradável entre os estudantes.

Aula 1

A primeira aula terá como mediador o professor, que iniciará uma discussão acerca do gênero conto de fadas, com o objetivo de compreender o nível de conhecimento dos alunos sobre tal gênero. Para entender esse tipo de narrativa, serão levantadas algumas indagações a serem respondidas pelos alunos:

- **Já ouviram algum conto de fada?**
- **Quais eram as características dos personagens da narrativa que você conhece?**
- **O que acontece no final do conto?**
- **Quais elementos estão sempre presentes nos contos?**
- **Qual seu conto de fada preferido?**

Objetivo dos questionamentos feitos pelo docente:

Identificar se a turma apresenta familiaridade com a temática, e quais os seus conhecimentos prévios sobre a narrativa dos contos de fadas.

Aula 2

Na segunda aula, o professor poderá mostrar aos alunos materiais que contêm narrativas conhecidas do gênero conto de fadas, em suas versões variadas. Será feita uma leitura coletiva, encontrando as características, efeitos de sentidos e propósito do gênero.

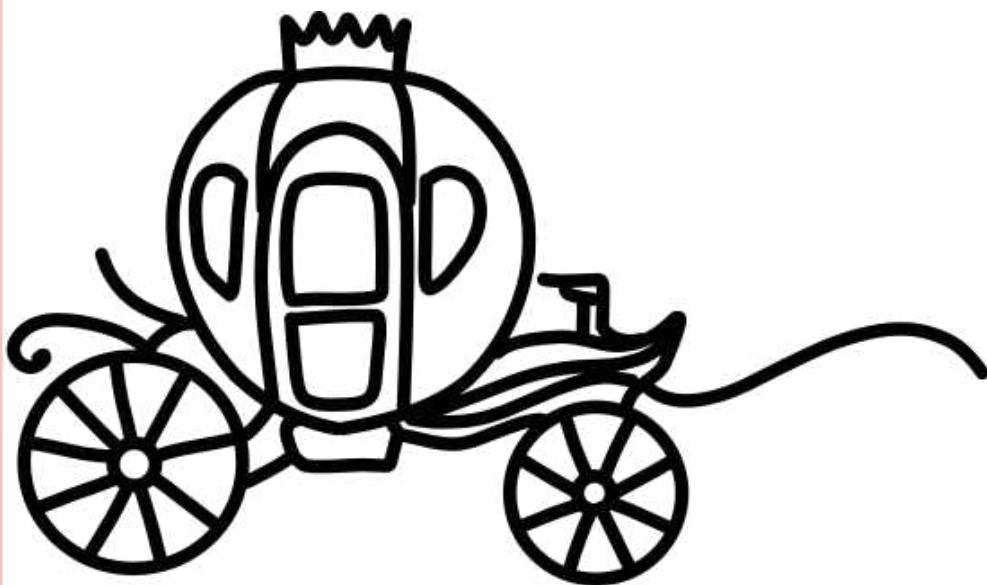
Além disso, utilizando mapas mentais e desenhos gráficos em grande escala, será explicada a possível origem dos contos de fadas. Nessa explicação, serão destacados os contos tradicionais e contemporâneos, abordando conceitos como estereótipos de gênero, estrutura narrativa (início, desenvolvimento, clímax e desfecho), além de temas recorrentes, como amor, coragem e transformação.

ELEMENTOS VISUAIS PARA CONTAÇÃO



SUGESTÃO DE MAPA MENTAL





**CONTANDO
SOBRE O CONTO**

PRODUÇÃO INICIAL:



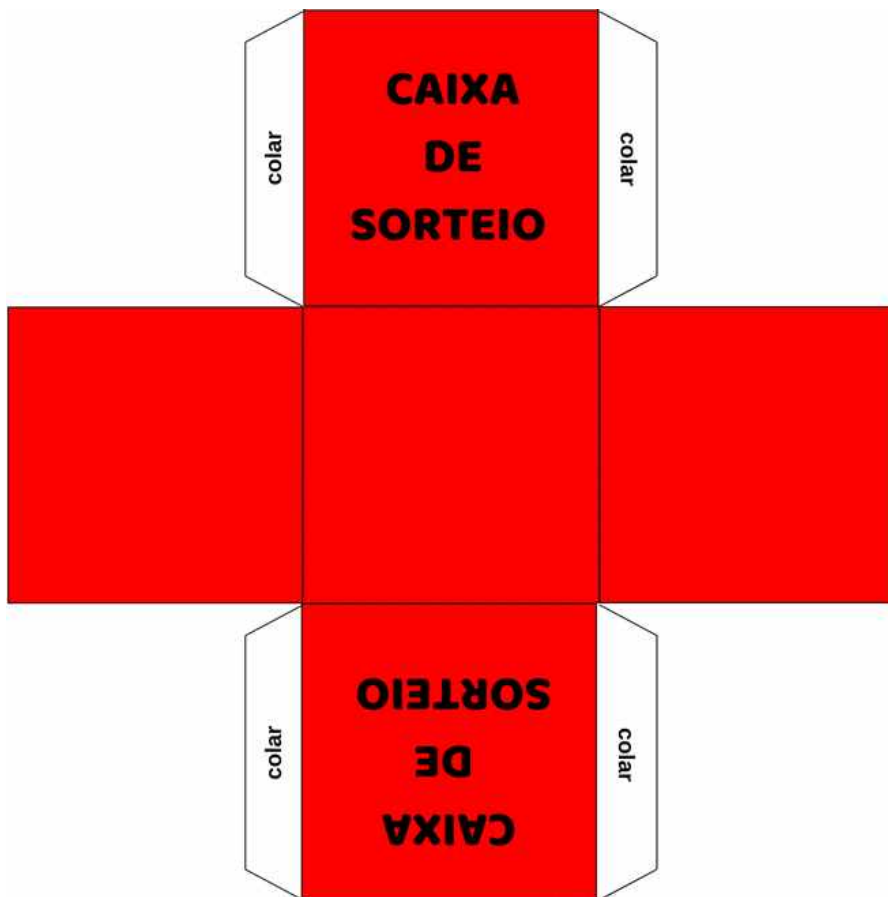
DURAÇÃO: 2 horas-aulas (90 minutos)

Os alunos serão apresentados aos principais autores e suas obras, explorando tanto as adaptações quanto os textos originais, seja por meio de slides ou de ilustrações em 3D. Posteriormente, será discutido o estereótipo de gênero presente na época em que os contos foram criados, analisando a finalidade dessas obras no contexto histórico, além da representação ativa das personagens, que desempenhavam papéis estratégicos para impactar o público-alvo.

Por meio de uma roda de conversa, a aula será guiada pelas seguintes perguntas:

- **Como as mulheres são representadas nos contos de fadas?**
- **Qual a função da figura masculina nos contos de fadas?**
- **Qual a função da figura feminina?**

MOLDE DE CAIXA PARA SORTEIO



Proporcional ao tamanho real para impressão em A4

HORA DA AVALIAÇÃO



A avaliação acontecerá de forma contínua. Portanto, é importante anotar sobre as participações dos alunos nas discussões, e o trabalho em grupo que foi realizado.

Materiais sugeridos
ao professor:
Datashow, Pincel e
quadro branco.

MÓDULO 1

b



DURAÇÃO: 1 hora-aula (45 minutos)

O professor faz a contação da história do conto Rapunzel, dos Irmãos Grimm, por meio da plataforma do Youtube - duração de 11 minutos - com elementos em 3D - para proporcionar um efeito dinâmico em sala de aula, com foco na estrutura e elementos típicos dos contos de fadas (personagens, moral, tempo e espaço).

Link de acesso:

(187) Rapunzel dos Irmãos
Grimm - Audiobook - Fábula -
Lendo Contos - (YouTube)

<https://youtu.be/yKgdFyoQ>

[Au8](#)

Em seguida, com o manuseio do professor, haverá leitura com objetos de contação do conto "A primeira só", de autoria de Marina Colasanti, destacando as diferenças em relação à linguagem, à construção da personagem feminina e à moral implícita.

HORA DA AVALIAÇÃO



Com fins de avaliação, cada aluno escolherá um personagem específico de uma narrativa para citar suas características, ressaltando sua personalidade e sua importância na obra em que se encontra.

MÓDULO 2



DURAÇÃO: 1 hora-aula (45 minutos)

O professor realizará uma breve explicação sobre o gênero paródia e sua atuação em sociedade, abarcando elementos como: origem, finalidade textual e características do gênero.

Em seguida, o docente levará para sala de aula paródias que circulam na internet, com a finalidade de apresentar suas características mais evidentes e explorar sua função social.

Neste momento, é aconselhável que mais uma vez seja feita essa discussão em uma roda de conversa com os alunos, para que seja um ambiente favorável.

HORA DA AVALIAÇÃO



Das paródias que foram apresentadas pelo professor, os alunos deverão escolher uma, para buscar características da produção original, e aprofundar seus conhecimentos sobre a temática principal da paródia, seja uma denúncia, uma crítica, ou uma sátira.

Materiais sugeridos ao professor:

Uso de paródias orais/visuais -
datashow;

Paródias textuais escritas - folhas
impressas/pincel e quadro

MÓDULO 3

PRODUÇÃO DE UMA PARÓDIA A PARTIR DE OUTROS GÊNEROS



DURAÇÃO: 2 horas-aulas (90 minutos)

O docente levará para a turma exemplos de paródias, mas, desta vez, serão especialmente de recriações do gênero narrativo conto de fadas. Nestas produções apresentadas, os alunos poderão identificar os principais elementos de uma paródia e como uma produção pode ser realizada a partir de um gênero narrativo.

HORA DA AVALIAÇÃO

PASSO A PASSO



O professor levará a caixa de sorteio mais uma vez.

1. Individualmente, os alunos irão sortear da caixinha levada pelo professor algum gênero textual. Exemplos: fábula, poema, romance...

2. Em seguida, os alunos com seus gêneros textuais em mãos escolherão uma produção já existente do gênero sorteado por eles.

Exemplo: Poema – No meio do caminho - Carlos Drummond de Andrade

3. Por fim, irão sortear um segundo gênero, este eles deverão usar como uma paródia para recriar o primeiro texto escolhido usando a paródia como recurso.

Exemplo: Carta sobre o poema No meio do caminho – Carlos Drummond de Andrade

As produções feitas pelos alunos devem ser entregues ao professor no final da aula.

**MÃO
NA
MASSA**

PRODUÇÃO FINAL :



DURAÇÃO: 2 horas-aulas (90 minutos)

Em conclusão das aulas anteriores, o professor orientará a produção de uma paródia que será feita pelos alunos. A turma deverá recriar uma narrativa de um conto de fadas, com uma finalidade específica (informar, criticar, denunciar, ou reinventar a narrativa).

1. O professor deve passar as instruções com relação à elaboração dos textos. O que se espera de cada produção, e as características que devem estar nelas contidas.

INSTRUÇÕES:

PRODUÇÃO DA PARÓDIA

- **Escolher um conto de fadas e um segundo gênero para realizar o exercício;**
- **Conservar alguma característica dos personagens;**
- **Relacionar a história contada na narrativa com os dias atuais;**
- **Apresentar uma opinião própria sobre um assunto público;**
- **Cada aluno deve criar uma paródia com a sua própria versão dos fatos da narrativa original;**

2. O professor, em seguida, avaliará as produções dos alunos com base nas instruções passadas, orientará sobre as correções que devem ser feitas.

3. Essa avaliação terá caráter somativo. O professor atribuirá nota à produção dos alunos e observará a assimilação do conteúdo desenvolvido ao longo dos módulos.

REFERÊNCIAS

AVILA, M. (org.). **Contos de fadas em suas versões originais**. 1. ed. São Caetano do Sul, SP: **Wish Editora**, 2019. 448 p. ISBN 978-85-67566-18-4.

CAVALCANTI, V. S. **Composição de paródias**: um recurso didático para compreensão sobre conceitos de circunferência. 2011. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – **Universidade Estadual da Paraíba**, Campina Grande, 2011.

CORDEIRO, S.; RODRIGUES, R. **Literatura juvenil e crítica feminista**: emancipação nos contos de fadas de Marina. 2020.

COSSON, R.; SOUZA, R. J. de. **Letramento literário**: uma proposta para de aula. São Paulo: **UNESP**, 2011.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: **Global**, 2000.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil**: teoria e prática. 5. ed. São Paulo: **Ática**, 1986.

LOPES, K. E. L. dos S. **Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney**. 2015.

MEREGE, A. L. **Os contos de fadas**: origens, história e permanência no mundo moderno. São Paulo: **Claridade**, 2010. 88 p. il. (Saber de tudo).

REIS, S. de C. **O que são contos de fadas?** Recife: **Editora UFPE**, 2014.